

Sou de formação socialista negra desde a infância, meus avós em 1904 já eram dos movimentos de operários negros e dos movimentos negros de combate ao racismo, eram garvenistas. Assim foram minha mãe e meu pai, negros de Jornais como Clarim da Alvorada (1928-1936) e da Associação Cultural do Negro em São Paulo (1954-1964), sendo esta última organização onde passei parte da minha infância em contacto com pensadores, escritores, artistas, teatrólogos músicos negros que faziam um grande movimento social. No entanto, socialistas não marxistas, e que sofreram as retaliações e as invisibilizações que parte dos movimentos marxistas deram aos demais movimentos que não eram socialistas. Convivi com pensadores negros como Ironides Rodrigues (filosofia e Estética negra, amigo de Leon Damas), Sebastião Rodrigues Alves (professor de Serviço Social, publicou um texto importantíssimo sobre serviço social e população negra), Solano Trindade (líder do movimento artístico do Embu), Nair de Araujo (pensadora e declamadora), Tereza Santos (a principal professora de teatro negro em São Paulo e depois em Angola). Também iam a nossa casa professores da USP como Florestan Fernandes e Otavio Ianni, que travavam grandes debates como os intelectuais negros que elegantemente discordavam das posições políticas e intelectuais destes. Houve continua e amplas discussões tanto na esfera nacional como internacional entre os socialismos dos movimentos negros e os socialismos científicos, que nós dizíamos como de intelectuais brancos distantes da realidade nacional. Debate que tinha a liderança na Bahia do pensador Manoel Querino (em 1918 ele postulava que os africanos que

colonizaram o Brasil e não os portugueses, pensador que esta muito além do seu tempo) e no Rio de Janeiro de Guerreiro Ramos e que criticava a formação do pensamento brasileiro a partir apenas de pensadores europeus. Os Movimentos negros que sempre se referiam a Luiz Gama e Juliano Moreira como postuladores de ideias que inseriam a população negra com dignidade no debate sobre a sociedade brasileira e sobre as lutas sociais no Brasil. Movimentos negros que sempre fizeram rígida oposição ao pensamento de Gilberto Freire e de Caio Prado. Porque ambos, por razões diversas, descaracterizavam a importância dos conhecimentos da população negra na formação política e cultural do Brasil.

Na juventude na década de 1970 passei a fazer parte direta dos movimentos negros em São Carlos interior paulista, fazendo teatro negro e escrevendo em jornais dos movimentos negros. Neste período cursei engenharia e sociologia. Sempre fui aluno de escola pública e universidade pública, escolas de excelente qualidade que foram deterioradas durante a ditadura militar. Na década de 1980 em diante passo a ser pesquisador e professor universitário, tanto no Brasil como no exterior, sempre envolvido com várias áreas do pensamento científico e atuado em mais de uma disciplina. Tive interlocutores e professores informais como Clovis Moura, Milton Santos, Helena Theodoro e Kabengele Munanga. Sempre orientado por inúmeras geladoras de casas de santo.

Publiquei e publico na Revista Espaço Acadêmica em razão em ter sido a única revista do setor denominado crítico da sociedade que aceitou pluralidade de visões e opiniões discordantes do marxismo clássico e profético. Sendo

também que foi um grupo editorial que não confundiu “regrismos estilísticos”, ou “normalizações caducas” com qualidade e originalidade de pensamento. Tivemos divergência sem nunca perder o respeito ético que torno a produção científica importante. Eu não acredito que existe uma linguagem científica e muito menos regras e métodos que explique como fazer ciência. Muita coisa na ciência é obra do acaso e da observação persistente. Encontrei nessa revista uma forma de difusão das ideias com linguagens acessíveis a diversos estratos da sociedade e com grande repercussão em educadores e do público universitário em formação. Um avanço nas áreas acadêmicas que geralmente escrevem para si própria, e para as conversas que interessam mais a quem está no exterior do que para aqueles estão vivendo e combatendo as imperfeições da realidade brasileira.

Fiquei temeroso que os absurdos critérios de classificação dos períodos brasileiros poluissem e controlassem a revista Espaço Acadêmico, mas o corpo editorial soube bem contornar esses problemas. A importância dos trabalhos científicos e das revistas que os divulgam é alguma coisa mais complexa de aferir do que os critérios atuais feitos pelos CAPES e CNPq, que estão acabando e sufocando com a originalidade de ideias e inovação real na ciência brasileira. Também com a preocupação com temas da realidade nacional. A história é um registro avaliativo do passado que sempre ocorre no futuro, e este futuro dirá que a revista Espaço Acadêmico tem destacada importância para a população brasileira. Um fórum realmente de ideias e de problemas sobre o Brasil vivido por nós.

**HENRIQUE CUNHA JUNIOR.**

Sócio e membro Fundador da Associação Brasileira de pesquisadores negros. Professor Titular da Universidade Federal do Ceará. Professor Visitante da Universidade Federal da Bahia – Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo – PPGAU-UFBA.